

Nota do editor

Pontos de interesse:

- Salinas de Rio Maior
- O Homem do Sal

Novos desafios, novos caminhos

Qualquer caminho faz-se caminhando. A caminhada do ECOSAL ATLANTIS vai a meio, olhando para trás vemos um declive suave que transpusemos com facilidade, olhando para a frente vemos um declive muito mais acentuado e que teremos de vencer. Porém iniciámos esta caminhada sozinhos, tivemos a capacidade de atrair outros, que embora não tenham as nossas responsabilidades, caminham connosco e partilham experiências e conhecimentos, e o sonho comum de instituir uma Rota das Salinas.

Se bem que em muitas regiões persista uma certa letargia, notam-se também sinais de algum dinamismo e interesse pela utilização dos recursos e espaços salineiros. Um dos papéis do projecto ECOSAL deve ser também o de chamar a atenção dos gestores do território para que não olhem estes espaços como “zonas abandonadas” ou em “vias de abandono”, mas sim como zonas com potencial para o desenvolvimento de novas actividades ou, no caso da exploração do sal subsistir, actividades complementares.

Neste domínio a utilização termal das águas e argilas hipersalinas pode constituir uma componente particularmente interessante, pois existem evidências de que esta utilização contribui não só para o bem-estar geral, como mesmo como terapêutica de alívio para determinadas patologias do foro dermatológico e ósseo.

Este tipo de recursos termais foram amplamente utilizados no século XIX em diversos contextos geográficos, tendo alguns sobrevivido à “modernização” das terapêuticas e aos novos hábitos de veraneio e ocupação dos tempos livres. Recentemente com a valorização do chamado turismo termal tem-se verificado um interesse renovado pelos recursos presentes nas salinas quer ao nível das águas hipersalinas, quer ao nível das argilas e algas. Este é um dos aspectos a que o ECOSAL ATLANTIS presta especial atenção, através da preparação de um workshop cuja organização está a cargo da Universidade de Aveiro, pois este recurso é um novo desafio para o qual haverá que encontrar novos caminhos, que permitam a utilização destes recursos, recuperando e preservando os espaços salineiros e as paisagens envolventes.

Por outro lado a sociedade tem reconhecido o dever de criar os meios que permitam o usufruto de todas as pessoas – incluindo as portadoras de qualquer tipo de deficiência – aquilo que são os espaços públicos, através da criação dos meios e suportes adequados. Havendo já pelo espaço atlântico um número razoável de salinas visitáveis, faz todo o sentido criar estes meios em locais desse tipo, pelo que estão a decorrer algumas experiências no âmbito do ECOSAL ATLANTIS que serão também abordadas num workshop específico. É um outro desafio e um outro caminho...

Renato Neves
Coordenador nacional do ECOSAL ATLANTIS em Portugal

Nesta edição:

Nota do editor	1
Salinas de Rio Maior	2
Personagem	4
Eventos	5



As salinas de Rio Maior

As Salinas de Rio Maior situam-se a cerca de 3 km do centro da cidade e encaixam-se num vale no sopé da Serra dos Candeeiros, em pleno Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. Ocupam uma área com cerca de 22.000 m², estão classificadas como Imóvel de Interesse Público desde Dezembro de 1997 e são as únicas Salinas de interior activas, existentes em Portugal.

Estas encontram-se encaixadas no Vale Tifónico da Fonte da Bica, onde abundam rochas evaporíticas como o sal-gema e o gesso (Formação de Margas da Dagorda) rodeadas por argilas e calcários. As rochas evaporíticas são pouco densas, o que, conjuntamente com a existência de um sistema de falhas, permitiu o seu movimento ascensional – diapirismo.

As formações resultantes destes movimentos, pelas suas características plásticas, são facilmente erodidas levando a que alguns diapiros ou domos salinos aflorem a superfície. É esta actividade erosiva que, geralmente, leva ao rebaixamento da área emergente, relativamente às formações envolventes, mais resistentes (Serra dos Candeeiros e Serra da Marinha), originando uma depressão que facilita o encaixe da rede fluvial, originando assim, um vale tifónico.

Em Portugal, as rochas salinas e, entre elas, o sal-gema, surgiram na base do Jurássico, no andar Hetangiano também conhecido por Complexo de Dagorda. Estas ocorrências distribuem-se, em grande parte, ao longo de uma faixa nas fronteiras do Maciço Antigo com as orlas ocidental e meridional. À semelhança do que acontece actualmente no Mar Morto, entendido como um embrião de um oceano em abertura a partir de um rifte, consideram-se que as formações salinas portuguesas estão relacionadas com um ambiente lagunar precursor da abertura do Atlântico Norte, há cerca de 200 milhões de anos.

A existência destas rochas salinas, indica-nos que o paleo-ambiente de formação tinha características litorais (áreas lagunares e planícies de inundação de marés), num clima quente e seco, muito propício à rápida evaporação. Durante o Mesozóico, há cerca de 200 milhões de anos, a sedimentação ocorria num ambiente de pouca profundidade, em lagoas alimentadas por águas marinhas dando lugar a alternâncias de argilas salgadas e sal-gema, sendo hoje em dia, estas argilas que separam o filão de sal-gema da superfície, servindo-lhe de protecção.

Em Rio Maior a água salgada provém assim do extenso e profundo filão de sal-gema, o qual é atravessado por uma corrente de água doce subterrânea, originária no sistema cársico da Serra dos Candeeiros, que se torna, por dissolução, salgada e que termina num poço de captação, na zona central das salinas.



Figura 1 – Enquadramento paisagístico.



Figura 2 – Vista geral com picotas.

As salinas de Rio Maior têm mais de 800 anos e foram exploradas por romanos, árabes e até talvez por povos pré-históricos.

A enorme densidade de ocupação humana nesta região desde o Período do Paleolítico Superior, Neo-Calcolítico, Bronze e Ferro, situação impar em relação ao restante território, permite-nos apontar, como factor principal de fixação humana na região, a exploração deste recurso natural por parte destas comunidades.



Figura 3 – Rega com cabaço.

O primeiro documento escrito referindo o nosso salgado data de 1177 quando os Templários adquiriram 1/5 da água retirada do poço aos seus proprietários Pero de Aragão e Sancha Soares. Mais tarde, D. Afonso V foi proprietário de cinco talhos, além de que lhe pertencia 1/4 da produção dos restantes marneiros (salineiros).

Actualmente são totalmente privadas e desde 1979 que são, em 90% da sua extensão, geridas pela Cooperativa Agrícola dos Produtores de Sal de Rio Maior, laborando de forma sazonal. Existem, no entanto, alguns proprietários independentes que ainda hoje fazem a exploração de alguns talhos. Divididos por vários proprietários

existem cerca de 400 compartimentos a que se dá o nome de “talhos” e 70 “esgoteiros”, talhos de maior profundidade que armazenam temporariamente água salgada para abastecer as salinas. A água salgada que os alimenta, inicialmente retirada com uma picota e um balde, é actualmente bombeada, a partir de um poço central com 9 m de profundidade e 3,75 m de diâmetro. Na época estival a água salgada é encaminhada por regueiras para diferentes esgoteiros e daí para os diferentes talhos, onde se dá a evaporação. No fim de evaporada a água, o sal puro (97,94% de cloreto de sódio), fica nos talhos e é depois retirado e levado, pelos salineiros, até aos armazéns da cooperativa, ou dos proprietários independentes, construídos em madeira para evitar a corrosão. Por ano, são recolhidas cerca de 1.500 a 2.000 toneladas de sal que antes de embalado e comercializado, para toda a Europa, é escolhido grão a grão por funcionários, para satisfazer até os clientes mais exigentes.

Este processo de exploração vem desde tempos imemoriais. A repartição desta salmoura pelos salineiros obedece a um regime tradicional conhecido desde o século XII, escrupulosamente respeitado. Um litro de água do poço comum que abastece as salinas contém, em média, 220 g de sal (com 97% de NaCl), isto é, 6,3 vezes mais salgada do que a água do Oceano Atlântico

O trabalho desenvolvido nas Salinas de Rio Maior proporciona uma diferente percepção sobre o processo de formação e recolha de sal. Descobre-se aqui o verdadeiro segredo das salinas sem mar – um subsolo rico em salgema permite a existência de água salgada à superfície e a precipitação de cloreto de sódio por evaporação da água, permite a obtenção de sal. Verifica-se que o sal até chegar às nossas casas, atravessa processos pouco complexos mas de longa duração. Devido às particularidades históricas, sociais, culturais, económicas e geológicas destas salinas é muito importante a sua preservação.

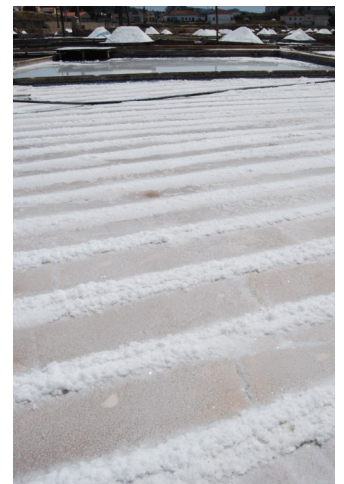


Figura 4 – Cristalização.

Bibliografia

A.M. Galopim de Carvalho - O SAL NA HISTÓRIA DA TERRA E DO HOMEM - <http://www.triplov.com/galopim/sal.htm>

Jorge Miguel Guilherme. AS SALINAS DE RIO MAIOR – DO PRESENTE AO PASSADO - <http://mesozoico.wordpress.com/2009/05/25/as-salinas-de-rio-maior-%E2%80%93-do-presente-ao-passado/>



Personagem

O homem do sal

Em português os locais de exploração do sal por evaporação solar designam-se por salinas ou marinhas, sendo curioso que a palavra marinha, possa designar também um terreno arenoso do litoral, ou ter um significado global, mais conhecido e difundido, relativo à navegação marítima, mercante ou de guerra.

Porém apesar da palavra marinha estar amplamente difundida no âmbito do sal em Portugal, a designação dos homens do sal é de marnoto, marnoteiro ou salineiro; apenas Rio Maior utiliza a palavra marinheiro (de marinha) para designar os homens que aí fazem o sal. Em qualquer outro lugar a palavra marinheiro está restrita ao universo da actividade marítima.



Figura 1 - Marinheiro de Rio Maior.



Figura 2 - Marnoteiro de Alcochete.

Porém sejam marnotos, marinheiros, salineiros, salineros ou paludiers, estes homens têm simultaneamente algo de jardineiros e de gente do mar, pois cultivam o sal em pequenos talhos, conduzem a água como quem rega hortas ou jardins e conhecem, como os marinheiros, os ventos e o ciclo das luas e marés.

Socialmente podem ter diferentes estatutos e origens, proprietários, arrendatários, ou assalariados. Fora da época do sal podem ter várias actividades, seja na agricultura, na pesca ou mesmo na construção ou em trabalhos fabris temporários. Foram quase sempre uma classe oculta, praticamente invisível e que apenas excepcionalmente se manifestou, como ocorreu em 1957 em Alcochete (salinas do Tejo) durante a chamada revolta do sal, motivada pelos baixos salários e más condições de trabalho, ou nas manifestações de rua em Nantes nos anos 70 do século XX contra a destruição da actividade salineira tradicional no Oeste da França.

Desde essas épocas muito mudou, começando no número de marnotos, marinheiros, salineiros, salineros ou paludiers em actividade. No entanto em algumas regiões a realidade social destes profissionais alterou-se também substancialmente, surgindo pessoas vindas de outras actividades e sectores e que possuíam uma formação escolar mais elevada e que em alguns

casos (como em Guérand) dinamizaram e revitalizaram o sector, permitindo, no caso da França, o estabelecimento de cursos de formação profissional regulares, com programas e currículos perfeitamente estabelecidos e homologados pelas autoridades competentes.

Pontualmente em Espanha e Portugal têm-se feito também algumas acções de formação que tentam dar corpo a um novo homem do sal, que é simultaneamente um guardião da paisagem e do ecossistema e um guia turístico que presta informação aos visitantes acerca das técnicas e das paisagens do sal. Todo o futuro do sal tradicional passa pela instalação destes novos salineiros e, como em muitos outros sectores, são frequentemente as mulheres que reagem melhor à mudança de paradigmas e que melhor se adaptam a novas oportunidades. Por isso o homem do sal é já também – e será cada vez mais - a mulher do sal.

Às novas marinheiras!



Figura 3 - Marnotos de Aveiro.

Renato Neves
Coordenador nacional do ECOSAL ATLANTIS em Portugal

Eventos

Workshop de boas práticas de interpretação

Vitoria- Gasteiz, 9 e 10 Junho 2011

A Diputación Foral de Alava organizou nos dias 9 e 10 de Junho em Vitoria-Gasteiz um workshop de boas práticas de interpretação dirigida fundamentalmente a guias de salinas tradicionais dos parceiros do projecto. O workshop teve a participação de dez profissionais de Espanha e Portugal, bem como dos especialistas em interpretação do património e em apoio ao visitante, Isabel Boj e David Canales.

O objectivo deste workshop era proporcionar conhecimentos e troca de experiências aos guias turísticos de salinas tradicionais do Atlântico. As conclusões do encontro foram registadas num "livro branco" de boas práticas, traduzido para as quatro línguas do projecto.

Diputación Foral de Alava



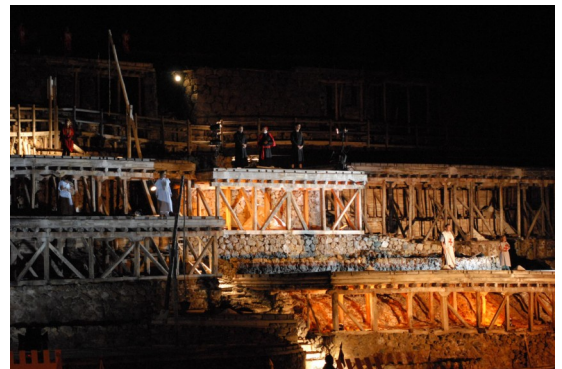
Feira do Sal – Valle Salado de Salinas de Añana

Añana – 9 e 10 Julho de 2011.

Nos passados dias 9 e 10 de julho realizou-se, nas Salinas de Añana (Álava), a Feira do Sal organizada pela Fundación Valle Salado de Añana, pela associação de salineiros Gatzagak e pelo Ayuntamiento de Añana.

Na noite de 9 de julho teve lugar um o espectáculo de luz e som "La Memoria del Valle Salado", no qual os habitantes desta localidade mostram ao público, através de uma teatralização, a riquíssima história do Vale Salgado desde épocas anteriores ao império romano, passando pela concessão do título de vila real de Salinas de Añana por Afonso I, o batalhador, no século XII, até à decadência nos anos 1970, finalizando com a recuperação do Vale.

Diputación Foral de Alava



Exposição de Fotografia SAL q.b

Patente no Núcleo Museológico do Sal até ao dia 14 de Agosto

SAL q.b. resulta das distintas visões de diversos autores, no âmbito dos vários concursos de fotografia que o Arquivo Fotográfico Municipal foi promovendo, ao longo de 10 anos.

SAL q.b a safra humana, as rugas da terra cansada de séculos a produzir a flor que encanta estes Jardins de Sal.

Câmara Municipal da Figueira da Foz

